

• Walter • Benjamin

Estética • Política • Literatura • Psicanálise

Ricardo Timm de Souza Bruna de Oliveira Bortolini
Manuela Sampaio de Mattos Oneide Perius
Helano Ribeiro Francisco Fianco
Tiago dos Santos Rodrigues Janniny Gautério Kierniew
Evandro Pontel Gabriela Nascimento Souza
(Orgs.)



Walter Benjamin

Estética, Política, Literatura, Psicanálise

Atas do I Congresso Internacional
Walter Benjamin: barbárie e memória ética

Organização:

Ricardo Timm de Souza
Manuela Sampaio de Mattos
Helano Ribeiro
Tiago dos Santos Rodrigues
Evandro Pontel
Bruna de Oliveira Bortolini
Oneide Perius
Francisco Fianco
Janniny Gautério Kierniew
Gabriela Nascimento Souza



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke - <https://www.behance.net/CaroleKummecke>

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Associação Brasileira de Editores Científicos

<http://www.abecbrasil.org.br>

Série Filosofia e Interdisciplinaridade — 104

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

SOUZA, Ricardo Timm de; et al (Orgs.)

Walter Benjamin: estética, política, literatura, psicanálise [recurso eletrônico] / Ricardo Timm de Souza et al (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

649 p.

ISBN - 978-85-5696-564-6

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Filosofia; 2. Walter Benjamin; 3. Estética; 4. Literatura; 5. Psicanálise; I. Título II. Série

CDD: 100

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia 100

Um tempo para o “ainda não”: psicanálise, infância e violências

Helena Pillar Kessler¹

Ana Maria Gageiro²

A Casa dos Cata-Ventos

A presente escrita se propõe a trazer alguns apontamentos sobre psicanálise, sobre infância, sobre a escuta de crianças em situações de violências, e sobre o tempo. Parte da experiência de trabalho em um projeto chamado Casa dos Cata-Ventos. Fruto de uma parceria entre Instituto APPOA – clínica, pesquisa e intervenção em psicanálise e Instituto de Psicologia da UFRGS, há sete anos, trabalha com a oferta de um lugar para brincar, contar histórias e conversar³. Trata-se de uma casa com um pátio grande onde, ao longo da semana, acontecem atividades diversas, em algo que poderia ser pensado como um espaço de convivência: lá ocorrem turnos de brincadeiras livres, oficinas de contação de histórias, um grupo de adolescentes e aulas de capoeira. Norteadando-se pela ética psicanalítica, uma equipe formada por psicólogos, psicanalistas, estudantes de psicologia e residentes em

¹ Mestra em Psicanálise: Clínica e Cultura – UFRGS. Contato: helenapkessler@gmail.com

² Professora do Instituto de Psicologia da UFRGS e membro da APPOA. Contato: ag3465@gmail.com

³ GAGEIRO, A. M. & TOROSSIAN, S. D. “A Casa dos Cata-Ventos: histórias e fissuras na práxis burguesa da psicanálise”. In: *Correio da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, n.257, jul./2016, pp.4-7. Disponível em: <<http://www.appoa.com.br/correio/edicao/257/a_casa_dos_cata_ventos_historia_e_fissuras_na_praxis_burguesa_da_psicanalise/340>>. Acessado em: 11 de novembro de 2018.

saúde mental e coletiva recebe aqueles que se interessam pela proposta e conduzem as atividades.

Na Casa dos Cata-Ventos, trabalha-se com crianças e adolescentes que vivem em um contexto de violência, de desigualdade social e racial e de violação de direitos na cidade de Porto Alegre. Localiza-se em um território que é marcado pela miséria, pela ação do tráfico de drogas e pela repressão policial. No espaço que oferecemos, não é raro que essas violências perpassem também os turnos de atividades, por vezes inundando as brincadeiras e restringindo a circulação da palavra e as possibilidades de enunciação. Algumas vezes, brincadeira e violência se confundem: brinca-se de torturar, de prender, de bater, de destruir. Nessas ocasiões, os esforços da equipe a fim de atribuir palavras para as ocorrências parecem não ser efetivos.

Dizemos que a Casa dos Cata-Ventos é um espaço-tempo de encontro⁴, em que se pode brincar e narrativizar as coisas que se vivem. Entendemos que o brincar permite à criança construir sua própria versão para o que percebe ao seu redor e para o mundo que está descobrindo. Ao mesmo tempo, as histórias que são oferecidas às crianças emprestam diferentes significações para as questões que cada uma delas experimenta. Falar sobre o que se vive possibilita que se elabore esse vivido. A partir disso, nos sete anos de existência deste projeto, temos pensado sobre os efeitos clínicos e políticos de poder brincar, poder falar, poder construir tramas simbólicas para aquilo que muitas vezes diz de vivências de trauma e de luto. Nossa intenção é oferecer um tempo narrativo que contraponha o tempo da violência, tempo este que por vezes parece ficar preso em uma repetição perpétua – que podemos relacionar com as vivências traumáticas. Esse tempo que insiste na

⁴ KESSLER, H. P. & SUSIN, L. “Casa dos Cata-Ventos: um espaço-tempo de encontro”. In: *Correio da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, n.257, jul./2016, pp.14-16. Disponível em: << http://www.apoa.com.br/correio/edicao/257/casa_dos_cata_ventos_um_espaco_tempo_de_encontro/339>>. Acessado em: 11 de novembro de 2018.

repetição do mesmo, paradoxalmente, por vezes é também um tempo de urgência.

No contexto em que essa proposta de trabalho com crianças e adolescentes se insere, não é raro se apresentarem situações de urgências, de graves violações de direitos e de mortes. Os profissionais que se dispõem a acolher e a escutar o que os pequenos sujeitos expostos a essas ocorrências enunciam muitas vezes se veem convocados a oferecer uma resposta e uma solução igualmente imediatas. Ao mesmo tempo, no encontro com a miséria, há o risco de se deixar tomar pelo impacto de uma primeira visão do espaço ao redor ou das condições de vida que se apresentam. Assim como Miriam Debieux Rosa⁵ aponta, entendemos que, em situações como estas, a escuta muitas vezes esbarra no horror do encontro com o estranho familiar, o *Unheimliche* freudiano⁶, levantando o recalque que permeia a desigualdade social e racial que vivemos no Brasil e que tem como efeito todas essas violências. Compreendemos que as frequentes tentativas de resolver na pressa tais situações também dizem de uma certa busca por algo que pudesse tamponar isso que deveria ter permanecido oculto, mas veio à tona.

O sujeito e o tempo

Pensar a Casa dos Cata-Ventos como a oferta de um tempo narrativo implica que se esteja atento aos modos como se experimenta esse tempo, e também às formas como se lida com seus efeitos. Partindo disso, julgamos ser profícuo nos remetermos às proposições lacanianas acerca do tempo lógico⁷. Para Jacques

⁵ ROSA, M. D. “Uma escuta psicanalítica das vidas secas”. In: *Revista de Psicanálise Textura*, n. 2, 2002, pp. 1-13. Disponível em: <<<http://www.revistatextura.com/leia/umaescpis.pdf>>>. Acessado em: 11 de novembro de 2018.

⁶ FREUD, S. “O inquietante”. In: FREUD, S. *Obras completas*, v. 14. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp.328-376.

⁷ LACAN, J. “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada”. In: LACAN, J. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, pp.197-213.

Lacan, o sujeito é efeito de uma experiência com o tempo, o qual se apresenta também em uma instância lógica, e não apenas cronológica. Nessa perspectiva, o autor caracteriza esse processo lógico do tempo por meio da descrição de três momentos de evidência, que se fazem a partir da relação com o outro, desde onde vai ser possível emergir um saber sobre si. São apresentados, assim, o *instante do olhar*, o *tempo para compreender* e o *momento de concluir*. Cada uma dessas etapas lógicas é seguida pela outra, e aqui é importante destacar que a primeira e a terceira são instantâneas, enquanto a segunda necessita de uma certa duração, em um tempo de meditação.

No primeiro tempo, o instante de ver, segundo Ana Costa⁸, é possível destacar a presença de uma imagem, como algo que fascina, captura e aliena. A etapa seguinte, o tempo para compreender, configura-se como um tempo de ruptura, que quebra a estrutura formada anteriormente, e que, em uma relação de reciprocidade com o outro, funciona como um tempo de organização do lugar do “eu” que vai emergir posteriormente. O tempo para compreender é, portanto, um tempo de demora em que o sujeito precisa se relacionar com os outros, a partir de onde vai emergir um saber sobre si. A terceira etapa, o momento de concluir, corresponde à antecipação de uma certeza sobre o sujeito, a qual se apresenta na urgência, manifestando-se por um ato.

Fazendo uma relação com tais proposições, poderíamos pensar que, muitas vezes, dadas as intensidades do trabalho, para aqueles que estão enlaçados na relação transferencial, a experiência do tempo seja vivida de modo que o instante do olhar seja seguido quase imediatamente por um momento de concluir, sem que se passe pela meditação da duração do tempo para compreender – o qual ficaria como que comprimido. Conforme Maria Rita Kehl⁹ aponta, a ocorrência desse fenômeno, no entanto,

⁸ COSTA, A. M. M. *A ficção do si mesmo: interpretação e ato em psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

⁹ KEHL, M. R. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.

não é sem consequências para o sujeito, uma vez que é somente a partir desse tempo para compreender, na relação em reciprocidade com o outro, que o sujeito do desejo pode advir como sujeito de um saber sobre si mesmo. A autora enfatiza que há uma diferença importante entre o tempo da certeza antecipada e o tempo da pura pressa.

Na clínica que acontece em meio a situações de violências e a contextos de violações de direitos, entendemos que, para quem se coloca à escuta, há um risco de se deixar capturar por uma imagem que fascina e que, ao mesmo tempo, impele à ação urgente – o que tem como efeito a possibilidade de um ensurdecimento à escuta do sujeito. Para aqueles que falam, parece estar em jogo muitas vezes uma temporalidade que remete ao traumático.

Frente a essas situações, podemos dizer que, sem querer querendo, a equipe da Casa dos Cata-Ventos acabou fabricando um método de trabalho que tenta de alguma forma controlar esses riscos – que, no entanto, sempre existem. Trata-se de um método que intercala a intervenção clínica, a escrita, a leitura e a espera.

É importante lembrar que o trabalho da Casa dos Cata-Ventos é realizado em equipe, de modo que a intervenção clínica se faz pela costura entre o coletivo de profissionais que aposta e dá sustentação para essa proposta. Organizamos nossa intervenção por turnos de trabalho, em que quatro ou cinco profissionais da equipe se encarregam das atividades de cada dia. Depois de cada turno, essa pequena equipe que recebeu as crianças se senta para conversar e discutir o que se passou nas horas anteriores, trocando impressões e recolhendo os efeitos das intervenções. Logo depois, é realizado um trabalho de escrita sobre cada turno, na forma de um relato a ser endereçado ao grande grupo via e-mail, com o compartilhamento narrativo de acontecimentos, impressões, intervenções, afetos, surpresas e tudo aquilo que for importante transmitir ao grupo que estará no turno seguinte.

Semanalmente, toda a grande equipe do projeto se reúne e, em um tempo de discussão realizado com a leitura prévia dos

relatos da semana, fala-se sobre o que ocorreu, encadeando pontos de cada turno de trabalho. Discutem-se casos, planejam-se intervenções. Há também um trabalho de escrita desse momento na forma de ata, com registro de encaminhamentos e posterior compartilhamento da escrita via e-mail. Nesse método de trabalho, temos um encadeamento entre narração e escrita, que operam com os diferentes tempos da intervenção.

Entendemos que poder garantir um tempo para a palavra – por parte dos trabalhadores – parece ser uma condição para que se possa garantir um tempo para a palavra também no atendimento às crianças. E escrever posteriormente, sobre o que se viveu antes, pode ser também um modo de construir uma versão para a transferência em que se está enlaçado. Assim como o brincar, a escrita almeja construir uma distância (temporal e espacial), insistindo em um tempo narrativo, mesmo quando às vezes parecem faltar palavras. Além disso, o ir e vir entre equipes de trabalho, da Casa dos Cata-Ventos para sua própria casa, dos turnos de atividades para a reunião de equipe, nesses tempos de espera, produz uma descontinuidade, uma hiância, um espaço onde algo outro pode surgir.

A escrita para os trabalhadores, de maneira semelhante como o brincar para as crianças, permite que se criem distâncias, que se organize o tempo pela via de uma historicização do vivido, frente ao que muitas vezes é excesso. Com isso, parece haver uma tentativa de endireitar os tempos, de os colocar em ordem. Poderíamos dizer que o esforço de narrativizar e de historicizar serve também para marcar o tempo e, com isso, inscrever um tempo de espera.

Nesse sentido, poderíamos supor que, no trabalho desenvolvido na Casa dos Cata-Ventos, se tenta algo como uma distensão do tempo para compreender e a sua sustentação como duração, como uma forma de responder ao excesso que às vezes convoca a uma urgência de agir. Isso passa pela sustentação de um tempo que podemos referir como de um *ainda não saber*, tempo

que se exprime pela fragmentação da cronologia do trabalho, e também pelos processos que decorrem disso.

Parece que está posta uma tentativa de trabalho com um tempo que ainda não é o da certeza. Isso se revela tanto no método de trabalho adotado, como nas escritas trocadas, sempre insuficientes, sempre lacunares, que reconhecem a impossibilidade da construção de uma certeza totalizante. Nesse sentido, a escrita e a espera poderiam ser parte de um dispositivo de trabalho que se propõe a operar com um alargamento do tempo para compreender, em uma construção que se faz lentamente, artesanalmente, na sucessão de tempos da intervenção, da escrita e da discussão presencial. Entendemos que isso diz de uma importante posição para se situar na transferência, a fim de poder garantir justamente um tempo e um espaço narrativo a ser oferecido para as crianças que acompanhamos.

Um tempo para o ainda não

Essa posição em relação à certeza e ao já sabido nos remete a algo de uma posição metodológica adotada por Walter Benjamin, assim como é proposto por Jeanne Marie Gagnebin¹⁰. Podemos notá-la, em especial, no ensaio *Infância Berlinense: 1900*, em que narra suas experiências de quando criança, na articulação com discussões sobre o passado e sobre a memória.

Nesse texto, por meio de fragmentos, Benjamin¹¹ retrata o tempo da infância em sua relação com a incerteza e com a dimensão de ainda não entender, propondo um certo entendimento de que ainda não se entende sobre as coisas do mundo, como se guardasse um acordo de que um saber virá só no depois. Assim, o autor narra os encontros e os desencontros de

¹⁰ GAGNEBIN, J. M. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

¹¹ BENJAMIN, W. *Rua de Mão Única: Infância Berlinense: 1900*. Tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

uma criança com as coisas do mundo que se apresentam para ela, ressaltando a dificuldade de apreendê-las, uma vez que dizem de coisas que já estavam aí, que já *eram*, há mais tempo do que ela, referentes a um tempo “que envelhecia”. Voltemo-nos para um trecho do fragmento “Varandas”:

A primavera fazia despontar aqui os primeiros rebentos contra a fachada cinzenta das traseiras; e mais tarde, quando o ano já ia avançado e uma folhagem empoeirada roçava mil vezes ao dia a parede da casa, o som do roçar dos ramos queria ensinar-me qualquer coisa para a qual ainda não estava preparado. Pois tudo naquele pátio se transformava para mim em aceno. Quantas mensagens não havia no gemer das venezianas verdes ao serem subidas, e quantas más notícias não deixava eu sensatamente por abrir no estrondo das persianas a fecharem-se ruidosamente ao cair do dia!¹²

A criança, assim, no dizer de Benjamin, olha para o futuro apoiada em um tempo da espera – tempo da espera que evoca um aguardar, mas um desejar também. Desde esse lugar, é narrada a potência inventiva que há na relação que a criança estabelece com a linguagem, a qual se difere de um uso instrumental que seria aquele desenvolvido pelos adultos. Benjamin narra, então, alguns mal-entendidos, que dizem desse não entender bem. Por exemplo, o retrato que o autor faz do Tiergarten, o jardim zoológico da cidade – um dos únicos parques abertos a crianças, ele salienta –, expõe a criança que se perde no labirinto entre aquilo que os adultos e a cultura dizem e que nem sempre a criança entende bem o que é. O parque se apresentava “atravancado de coisas difíceis e inviáveis”¹³, as palavras prometiam muito, mas cumpriam pouco.

Para Benjamin, a percepção infantil revelaria uma verdade que os adultos não podem nem querem ouvir. Trata-se, de certo

¹² BENJAMIN, W. *Rua de Mão Única: Infância Berlinense: 1900*. Tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 71.

¹³ BENJAMIN, W. *Rua de Mão Única: Infância Berlinense: 1900*. Tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 78-79.

modo, de uma incompetência que diz do acesso privilegiado da criança à linguagem, uma vez que, para esta, as palavras possuiriam uma função outra. Se, para os adultos, as palavras seriam instrumento de comunicação, para as crianças, seriam como lugares desconhecidos a serem explorados.

Jeanne Marie Gagnebin¹⁴, a esse respeito, comenta que, nesses lugares como labirintos que se apresentam, “a criança não manifesta medo; pelo contrário, o desejo de exploração predomina como se soubesse, confusamente, que só poderá se reencontrar se ousar perder-se”. Ou, como diz Benjamin, na frase de abertura desse fragmento, “não há nada de especial em não nos orientarmos numa cidade. Mas perdermo-nos numa cidade, como nos perdemos numa floresta, é coisa que precisa de se aprender”¹⁵. A criança, assim, para Benjamin, torna-se paradigmática para essa condição. Nesse sentido, Gagnebin¹⁶ sustenta que o fio que permite que a criança se guie por esse labirinto é o fio da linguagem. Fio que às vezes é entrecortado e que às vezes é rompido, mas que diz das histórias que narramos uns aos outros e que guia a criança desse tempo do ainda não para um tempo do depois.

O tempo da espera

Antes de finalizarmos, consideramos ser interessante propor algumas relações acerca dessa posição na relação com o tempo descrita por Benjamin com breves apontamentos sobre o modo como, desde a psicanálise, tem-se compreendido o tempo da infância. Podemos pensar em uma espera e em uma antecipação.

¹⁴ GAGNEBIN, J. M. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2013, p. 91.

¹⁵ BENJAMIN, W. *Rua de Mão Única: Infância Berlinense: 1900*. Tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 78.

¹⁶ GAGNEBIN, J. M. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

Segundo Cláudia Bechara Fröhlich¹⁷, a inscrição de um tempo da infância costuma se dar desde um *depois*: é somente a partir de uma posição adulta que se pode dizer que no *antes* houve uma infância. Cada sujeito, desde que entra no mundo, precisará fazer essa travessia no tempo. Nesse sentido, a autora sustenta que crescer é a operação de um giro de posição no campo da palavra e da linguagem, de modo que esta seja a própria condição para que venha a se inscrever um tempo da infância. A infância, assim, “não é um dado a ser superado ou cultivado, mas é inscrição psíquica, dupla e tensa no *a posteriori*”¹⁸.

Pode-se dizer, com isso, que há uma assimetria temporal de gerações entre o adulto e o *infans*, de modo que a chegada de uma criança ao mundo instaure uma tensão no campo do discurso entre essas duas posições. O adulto antecipa algo à criança, endereçando a ela o desejo de que chegue logo do seu lado do tempo,

mas o faz de forma que se sabe que se trata de uma metáfora, tomando a criança como um sujeito adulto no campo de um faz de conta, em que se brinca com ela sobre essa posição de domínio que no real ela ainda não tem. É essa tensão no tempo e assimetria discursiva que oferece condições para que se instaure o desejo da criança em operar essa travessia que comporta uma mudança de posição na linguagem frente ao Outro. Nessa tensão com o outro, a infância funda-se como marca temporal, marca que é o próprio miolo da operatória psíquica.¹⁹

¹⁷ FRÖHLICH, C. B. *Seis propostas para este milênio: uma trama entre tempo e letramento*. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<www.lume.ufrgs.br>>. Acessado em: 20 de fevereiro de 2017.

¹⁸ FRÖHLICH, C. B. *Seis propostas para este milênio: uma trama entre tempo e letramento*. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<www.lume.ufrgs.br>>. Acessado em: 20 de fevereiro de 2017. p. 58.

¹⁹ FRÖHLICH, C. B. *Seis propostas para este milênio: uma trama entre tempo e letramento*. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<www.lume.ufrgs.br>>. Acessado em: 20 de fevereiro de 2017. p. 58.

Eda Tavares²⁰, nessa mesma direção, aponta para a posição antecipada em que a criança é colocada pelo adulto que a recebe no mundo. Antes mesmo de poder ter acesso ao ato que lhe permitirá reconhecer-se desde uma posição, a criança já recebe insígnias por parte dos adultos, que lhe indicarão o que se espera dela. Os adultos lhe oferecem referências, que concernem ao saber e aos ideais da família e da cultura, de onde, aos poucos, a criança vai organizando um certo saber próprio.

Desse processo, abre-se uma brecha, um vazio de saber naquilo que o adulto sabe sobre a criança, que diz de uma insuficiência em entendê-la literalmente. Esta compreensão não-litera é o que justamente vai permitir que a criança não permaneça colada ao saber que o Outro detém sobre ela.

A criança se vê, por um lado, confrontada com um saber no Outro sobre ela, no qual poderia vir a se alienar de um modo absoluto, fazer ecolalia, ser tão-somente o que esse Outro deseja nela; e, por outro lado, se encontra diante de um espaço, um intervalo, deixado para que ela venha a saber.²¹

Quando esse espaço é existente, a criança pode ser introduzida então na questão da castração. O descolamento da demanda do Outro será o que permitirá à criança a construção de algo novo. Tavares, a esse respeito, remete-se à polissemia que a palavra *arte* adquire no português, em que *fazer arte* possa significar tanto fazer travessuras, quanto fazer uma obra, uma criação artística. Nesse sentido, a autora sugere que a produção de algo novo implica a “travessura” de se descolar do imperativo de uma posição esperada. Conforme referimos anteriormente, será o brincar que permitirá à criança criar uma versão própria para as coisas que a rodeiam e, assim, transgredir os caminhos já dados. A

²⁰ TAVARES, E. E. “O brincar na clínica com crianças”. In: *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre n.14, pp.54-67.

²¹ TAVARES, E. E. “O brincar na clínica com crianças”. In: *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre n.14, pp.54-67, p. 60.

criança vai brincar com um tempo do ainda não, produzindo uma conjugação temporal nova que une presente, passado e futuro, a qual se exprime por meio da enunciação “agora eu era”.

Nesse sentido, retomamos a importância de poder garantir a possibilidade de brincar em meio a contextos de violências. Em circunstâncias que parecem provocar um achatamento das possibilidades de fantasiar e um emudecimento do que se consegue enunciar, entendemos que criar um espaço e um tempo seguros em que se possa brincar permite que sejam tramados novos sentidos para o que se vive. Na Casa dos Cata-Ventos, insistimos na sustentação de um tempo de espera: tempo que diz da infância, mas que também indica uma posição em que os trabalhadores buscam se situar na transferência.

Para concluir

Assim, se viemos fazendo como uma costura entre os tempos que se fazem presentes na Casa dos Cata-Ventos, cujos fios envolvem as crianças frequentadoras e os adultos trabalhadores, entendemos ser interessante seguir as ressonâncias desse significante “ainda não”, sugerindo que, nessa proposta de trabalho com a infância, busca-se justamente uma tentativa de operar com essa modalidade do tempo. Diante de um tempo que se apresenta na urgência, entendemos que, na Casa dos Cata-Ventos, oferece-se a crianças e adultos a possibilidade de uma distensão do tempo, a qual se faz tanto através do brincar, quanto através da escrita, ambos produzidos em transferência.

Nesse sentido, entendemos que, em relação aos trabalhadores, há um esforço para também operar com um certo *ainda não*, na tentativa de poder se perder entre o já sabido, o já conhecido, permitindo dar lugar à incerteza. O que sabemos que é um esforço, uma tentativa, uma vez que, do lado dos adultos, que *já estão aí há mais tempo*, parece ser muito mais fácil transitar pelas certezas em relação às coisas do mundo. No entanto,

ressaltamos a tentativa de experimentar o ainda não, de aprender a se perder na cidade.

Nessa busca por um tempo que ainda não é o da certeza, remetemo-nos novamente à proposição de Lacan²² acerca do tempo para compreender. Podemos pensar que há no horizonte uma conclusão, uma aposta, um vir a ser. No entanto, entre vários, no coletivo e com as crianças, insiste-se no não saber.

Além disso, com Lacan, no ensaio sobre o tempo lógico, é possível entender que são os movimentos do tempo do outro que permitem que o sujeito chegue a uma conclusão sobre si – é o movimento do outro que permite que o sujeito se situe nos seus próprios movimentos. Nesse sentido, podemos dizer que, na Casa dos Cata-Ventos, o tempo é instrumento de trabalho, a partir da proposição de dispositivos que são construídos para fazer durar o tempo, em sua transitoriedade.

Referências

BENJAMIN, W. *Rua de Mão Única: Infância Berlinense: 1900*. Tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

COSTA, A. M. M. *A ficção do si mesmo: interpretação e ato em psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

FREUD, S. “O inquietante”. In: FREUD, S. *Obras completas*, v. 14. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp.328-376.

FRÖHLICH, C. B. *Seis propostas para este milênio: uma trama entre tempo e letramento*. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<www.lume.ufrgs.br>>. Acessado em: 20 de fevereiro de 2017.

²² LACAN, J. “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada”. In: LACAN, J. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, pp.197-213.

GAGEIRO, A. M. & TOROSSIAN, S. D. “A Casa dos Cata-Ventos: histórias e fissuras na práxis burguesa da psicanálise”. In: *Correio da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, n.257, jul./2016, pp.4-7. Disponível em: <<http://www.apoa.com.br/correio/edicao/257/a_casa_dos_cata_ventos_historia_e_fissuras_na_praxis_burguesa_da_psicanalise/340>>. Acessado em: 11 de novembro de 2018.

GAGNEBIN, J. M. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

KEHL, M. R. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.

KESSLER, H. P. & SUSIN, L. “Casa dos Cata-Ventos: um espaço-tempo de encontro”. In: *Correio da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, n.257, jul./2016, pp.14-16. Disponível em: <<http://www.apoa.com.br/correio/edicao/257/casa_dos_cata_ventos_um_espaco_tempo_de_encontro/339>>. Acessado em: 11 de novembro de 2018.

LACAN, J. “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada”. In: LACAN, J. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, pp.197-213.

ROSA, M. D. “Uma escuta psicanalítica das vidas secas”. In: *Revista de Psicanálise Textura*, n. 2, 2002, pp. 1-13. Disponível em: <<<http://www.revistatextura.com/leia/umaescpis.pdf>>>. Acessado em: 11 de novembro de 2018.

TAVARES, E. E. “O brincar na clínica com crianças”. In: *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre n.14, pp.54-67.